



O PAPEL DOS PROFESSORES DA EJA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Simone Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba

Simoneuepb_21@hotmail.com

Adriana Matias Queiroz

Universidade Estadual da Paraíba

Adriana.queirozevangelista@hotmail.com

Vitória Barreto Monteiro

Universidade Estadual da Paraíba

Vitoriabarreto2015@gmail.com

RESUMO: Trabalhar com jovens e adultos é um desafio que exige muita dedicação por parte do educador, pois, trata-se de um universo em que o aluno não está habituado ao ambiente escolar, e desta forma, o professor tem como missão buscar meios de integrá-los tanto à vida educacional como inseri-lo na sociedade. Este trabalho tem como objetivo fazer um relato das experiências vivenciadas por um integrante do programa EJA- Educação para jovens e adultos, na cidade de Brejo do Cruz, Paraíba. Os resultados aqui expostos evidenciam as perspectivas e desafios encontrados em um programa que tanto tem ajudado jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola ainda criança e adolescente, sendo necessária uma dedicação especial por parte do educador, voltada para atender as expectativas desse público.

Palavras-chave: Ensino para jovens e adultos, Professor, educação básica.

1 INTRODUÇÃO

Propor educação para jovens e adultos é o que estados e municípios devem enfrentar para minimizar os efeitos negativos que anos e anos de exploração embutiram as classes populares. É direito de todos terem acesso à informação por meio dos avanços tecnológicos, e para isso é necessário criar condições que para homens e mulheres desenvolvam suas competências para criar, dialogar e intervir como diferente, assumir seus lugares no mundo, compreendendo e (re)



significando a realidade. Para que tudo isso aconteça é necessário um aprendizado por toda a vida.

No momento de aceitar o desafio de ensinar deve-se ter em mente que essa missão não será realizada apenas por meio de transmissão mecânica de conceitos. Torna-se indispensável ensinar a pensar, ou seja, nós professores temos de mostrar como é ser cidadão.

O presente trabalho surgiu a partir da minha atuação no programa EJA, com a finalidade de expor as experiências vivenciadas durante o tempo que lecionei como professora na Escola Municipal De Ensino Fundamental Professor Manoel Torres, no período de maio de 2013 a fevereiro de 2014.

Tem como objetivo mostrar que o papel do professor da EJA vai além do simples ensinar, requer reflexão, propondo uma “educação libertadora” (FREIRE, 1982), que resgate a cidadania do indivíduo, considerando que só dessa forma o homem faz sua história, muda o mundo de forma livre, buscando inserir o indivíduo na sociedade, convivendo com seus semelhantes, pensando sua existência e transformando sua realidade.

A educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta-se como uma modalidade de ensino que foi criada pela grande necessidade de oferecer uma chance a mais na vida de pessoas que por algum motivo não tiveram acesso ao estudo, principalmente ao ensino fundamental. Sua tarefa é estimular jovens e adultos lhes proporcionando acesso à sala de aula.

O professor da EJA deve redirecionar concepções e conceitos em sua organização pedagógica, considerando as especificidades desse segmento. Dentro desse contexto, o educador da EJA deve propor um ensino que almeje resgatar a cidadania do indivíduo, bem como sua autoestima e também o interesse de participar da sociedade, a partir da promoção de situações que desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo, sem deixar de considerar os conhecimentos e habilidades de que esses sujeitos dispõem adquiridos de modo informal, em suas experiências acumuladas, cotidianamente, na comunidade onde vivem e nos espaços de trabalho.



2 METODOLOGIA

Este artigo relata as experiências que vivenciei enquanto professora da EJA, no período de Maio de 2013 a fevereiro de 2014. O cenário situa-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Manoel Torres, localizada na cidade de Brejo do Cruz-PB, que atende a educação infantil e ensino fundamental, pela manhã, e, à noite, atende os jovens e adultos da EJA.

De acordo com as exigências da Secretaria de Educação de Brejo do Cruz, para formar uma turma de EJA é preciso que o professor curse ou tenha formação em Letras ou Pedagogia. Essa turma precisa ser constituída por, no mínimo, 15 alunos, que, geralmente, são jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, moradores e moradoras de localidades populares, que lutam para serem incluídos e vistos na sociedade onde vivem como sujeitos dignos.

Para ministrar aulas na EJA, eu e demais professores passamos por uma formação promovida pela equipe pedagógica da Secretaria de Educação do Município que, junto com a FOCO consultoria LTD, capacitou os participantes para atuação na Educação de Jovens e Adultos.

A proposta curricular desenvolvida durante o programa foi destinada aos anos Iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). Logo de início, percebi a necessidade de ficar atenta ao contexto da sala de aula, visando desenvolver uma metodologia que se adequasse à turma e a partir daí já começaria a moldar um perfil próprio como educadora, visto que, o perfil do professor passa a ser construído ao longo de sua trajetória, necessitando de assistência durante todo o período de trabalho. Sobre essa questão, Estrela (1997, p. 47) afirma que “Em termos de grupo, o perfil de consubstancia-se historicamente na cultura profissional, como patrimônio que assegura a sobrevivência do grupo e permite a definição de estratégias identitárias adaptadas a cada realidade histórica social”. Para tanto, ser professor na Educação de Jovens e Adultos implica em contribuir direta ou indiretamente para a formação de cidadãos, e nesse sentido desenvolver um trabalho que se adeque às necessidades da turma faz toda a diferença.

E para fazer a diferença nessa modalidade de ensino, percebi que teria que apresentar



algumas qualidades que se tornariam essenciais nessa área, como a capacidade de solidarizar-se com os educandos, ter disposições de encarar desafios que surgiram durante todo o período de aula e ter a capacidade de (re) aprender e ensinar.

O atendimento aos alunos muitas vezes acontecia na sala de aula e outras vezes nas residências dos mesmos, pois os alunos da EJA que faziam parte de minha turma também tinham uma característica geral de alunos da EJA, que é tratar-se de um grupo relativamente homogêneo, onde abandonaram os estudos nas primeiras séries do fundamental um, que por algum motivo foram privados da escolarização regular e formados em sua maioria por trabalhadores, que ainda almejam se alfabetizar e a ampliar sua visão de mundo.

Então, como professora desses alunos, tive de ser sensível aos saberes que eles apresentavam, reconhecendo sua legitimidade, intimamente ligados ao contexto sociocultural no qual estão inseridos. A partir desses contextos, direcionei metodologias que proporcionassem situações com vistas a reflexões, interpretações de consciências da limitação social, ideológica e cultural, pois de acordo com a ENS (2006) as ideologias da profissão de professor nos dias atuais é ser:

[...] um profissional competente, para levar o aluno a aprender, e participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço. (ENS, 2006, p.19)

Dessa forma, meu papel como professora da EJA visou levar em conta o repertório dos alunos com o apoio de toda equipe pedagógica, a qual me proporcionou um suporte que contribuiu para o fortalecimento da auto imagem desses sujeitos que por tantas vezes se sentem desvalorizados. Freire (1997) vem dizer que muitas vezes isso acontece pela “auto desvalia” e também pelo “fatalismo”. Ou seja, são questões que afetam os menos favorecidos e que acaba influenciado no seu futuro e profissional e como cidadão crítico pensante.

Nessa perspectiva todas as atividades realizadas na minha turma foram de acordo com as



necessidades dos alunos, sempre me dispondo a buscar metodologias que estivessem de acordo com suas trajetórias de vida, suas concepções de mundo e suas expectativas em relação a escola e aos estudos.

3 RESULTADOS

Com meu trabalho e convivência na EJA passei a dar mais credibilidade a esse programa de educação que veio para assistir as pessoas que dele necessitam para corrigir algumas das muitas distorções sociais, uma vez que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa. Dada à especificidade dessa clientela, é muito importante a formação dos profissionais que atuam no programa, que alcançou status de modalidade de ensino.

Alguns autores expõem seus pontos de vista sobre a educação, destacando que trabalhar na Educação de jovens e adultos é um desafio, pois, nessa área, o profissional precisa estar se questionando durante sua trajetória, analisando conceitos, revendo concepções e acima de tudo quebrando paradigmas.

A partir desse trabalho na EJA, pude perceber que para atuar nesse segmento, o professor deve estar convicto de suas aptidões para a pesquisa e estar aberto para novos conhecimentos. E para esse contexto Freire (1997) afirma que a partir do momento em que buscamos o conhecimento, este deve derivar-se do ensino, do aprendizado com a docência. Porém, produzir conhecimento só se dá por meio da pesquisa, do instinto de se informar, da vontade de ir atrás das indagações e dessa forma construir meios para chegar próximo do conhecimento da verdade. O referido autor infere que “toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência” (FREIRE, 1997, p.192).

Com minha participação e convívio com os demais professores de outras escolas, que também atuam na EJA, observo que o profissional dessa modalidade de ensino não deve apresentar receio, mas sim ousadia, pois nessa modalidade a educação deve ser pensada como um processo educacional específico, não apenas fundamentados na idade desses sujeitos, mas estar acessível a



características socioculturais que apontam uma necessidade de uma proposta político pedagógica diferenciada do ensino para crianças do fundamental.

O que mais me chamou atenção quanto ao trabalho na EJA é que devemos trabalhar de acordo com a realidade, saberes e cultura dos educandos, e nesse contexto Freire (1997) apresenta a opção de

[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1997, p.30).

Considerando o exposto, fica evidente a importância da formação do professor para trabalhar nessa modalidade de ensino, pois na EJA nos deparamos com alunos de ideias, idades e situações diferentes, que precisam ser respeitadas e atendidas pelos professores responsáveis pela condução do trabalho.

A partir desse diagnóstico, durante meu trabalho na EJA, pude refletir sobre minha responsabilidade e idealizei uma prática individual e também coletiva, para interferir e modificar um pouco a realidade desses sujeitos.

4 DISCUSSÃO

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) tornou-se a promoção da cidadania ativa e também o desenvolvimento de uma consciência por meio de uma cultura de direitos humanos. Desta forma, representa um dos maiores desafios na educação por atender um público que aparenta enfrentar problemas sociais de inclusão. E atentando para a amenização de tamanhos problemas sociais para esse público, Fátima Rogoni (2008) diz ser uma grande necessidade pensar em alfabetizar esses jovens e adultos, inferindo que “A necessidade de repensar a questão da alfabetização de adultos e



da dívida que a sociedade tem com os cidadãos que estão excluídos de ação cultural, social e política é urgente” (ROGONI, 2003, p. 06).

Essa necessidade de alfabetização é clara, pois nos enquanto sujeitos sociais, percebemos que essas pessoas não alfabetizadas, não conseguem fazer uma leitura da sociedade da qual fazem parte, esta sociedade que é repleta de tecnologias renovadoras e uma grande diversidade de linguagens sonoras e visuais, as quais são bastante representativas, e para trabalhar o contexto social com esses educando Fátima Rogoni (2008) propõe que:

[...] como alfabetizador (a) devemos estudar uma metodologia que objetive o (a) alfabetizando (a) trabalhador (a) como um todo- homem/mulher social, global e cultural, na qual o diálogo e as reflexões possam estabelecer-se não apenas na sala de aula, mas também no seu quintal (ROGONI, 2008, p.07).

Dessa forma a alfabetização se tornará muito mais que uma mera função social, uma forma de auxiliar os educando com sua identidade, sua autonomia, para assim viver com mais facilidade em meio às imposições culturais e sociais no decorrer de sua vida.

E para assistir a esse publico, a escola deve se apresentar diversa e atrativa, pois esses alunos podem trazer consigo um conceito da escola tradicional, como afirma Aoki (2013, p. 13) “Muitas vezes, os alunos de EJA esperam um modelo tradicional, em que o professor detém o saber que transfere aos alunos por meio de atividades como cópias e ditados”. E, dentro desse contexto, os professores de EJA devem possibilitar situação em que possam desconstruir esse conceito de forma que o aluno perceba que a aprendizagem requer a participação deles nas atividades, pois eles também já trazem consigo uma boa bagagem de conhecimentos “em geral adquiridos de modo informal por sua experiência de vida acumulada na família, na comunidade ou no trabalho” (AOKI, 2013, p.07).

Dadas as exposições, o professor de EJA deve desenvolver uma prática condizente com a realidade dos educandos e, nessa perspectiva, Vasquez (1997) faz o seguinte relato: “a finalidade é a expressão de certa atitude do sujeito em face da realidade. Pelo fato de traçar-me um objetivo,



adoto certa posição diante da realidade”. Portanto, as práticas pedagógicas na EJA devem estar voltadas para a realidade, pois cada realidade corresponde a um tipo de aluno, e isso não poderia ser diferente, pois trabalhamos com pessoas que vivem no universo adulto, do trabalho carregado de responsabilidades sociais e familiares e já trazem consigo valores éticos e morais, formados de acordo com as experiências vividas no ambiente e na realidade a qual estão inseridos.

Dentro desse contexto, o professor da EJA deve conhecer e entender a realidade do programa, para que assim possa saber qual será a metodologia que melhor se adequa, visando o que deve ou não ser aplicado, buscando sempre chamar a atenção do público alvo e levar algo útil para eles. É importante também ser capaz de compreender as respostas dos mesmos às didáticas propostas.

O educador da EJA precisa descobrir quais são os gêneros textuais que os educandos estão familiarizados (orais ou escritos), quais são suas preferências e quais podem ser úteis para a vida em sociedade. Dessa forma, o educador da EJA precisa trazer, para suas aulas, textos informativos de diversas áreas do conhecimento, textos jornalísticos, literários, relatos históricos, dentre outros, sempre com finalidade de ampliar os conceitos e conhecimentos dos alunos.

É indispensável, no trabalho com jovens e adultos, possibilitar a autonomia dos educandos, estimulando-os a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudando-os a tomar consciência de como a aprendizagem se efetiva. Portanto, o ensino-aprendizagem nessa modalidade de educação deve evidenciar as diferentes abordagens que as pessoas por ela assistidas possuem, para assim favorecer a construção de um conhecimento pautado no compartilhamento de experiências e diferentes visões de mundo, com a perspectiva de buscar conjuntamente resoluções para os desafios a serem enfrentados.

Um grande desafio encontrado por professores da EJA é mostrar para os sujeitos desse programa que só ler e escrever não serão suficientes; que os mesmos devem sair desse programa sabendo ler, escrever, compreendendo informações, produzindo seus próprios textos, formulando novas ideias e conceitos. Cagliari relata que pra que isso aconteça:



É preciso conversar a respeito do que significa aprender a ler e a escrever, o que se faz com que esses conhecimentos, em que sentido a vida das pessoas se modificam depois que aprendem a ler e escrever, quais as previsões de uso desse conhecimento pelo resto da vida, fora da escola (CAGLIARI, 2008, p. 107).

Assim, o educador da EJA deve vencer o desafio de despertar em seus alunos uma motivação para seguirem e m frente, mostrar a existência de pessoas que buscam melhorias para suas vidas, levando-os a acreditarem que a educação é algo dinâmico, uma troca de experiências, tanto entre os educandos, quanto entre professor e aluno, um diálogo no espaço escolar onde todo saber é relevante. Considerando o fato de que se trabalha com grupos sociais desfavorecidos economicamente, fazendo-os compreender que sua vida pode mudar depois desse processo.

Daí decorre que o educador de jovens e adultos, para assegurar a disciplina em sala de aula, condição necessária para o trabalho pedagógico, precisa agora legitimar a sua autoridade pedagógica junto aos educandos, o que requer um esforço deliberado para manter o diálogo e a comunicação com eles.

Dentro desse contexto, a metodologia do professor da EJA deve implicar num processo integrado, no qual os conteúdos das disciplinas devem ser trabalhados de forma interdisciplinar e contextualizados, possibilitando uma aprendizagem mais significativa. Todo o processo metodológico do ensino para jovens e adultos almeja defender os princípios da democracia, cidadania e participação coletiva na dinâmica curricular, bem como, na relação que se estabelece entre a instituição e os sujeitos que buscam no espaço de educação formal, garantia de escolaridade, fonte e produção de conhecimentos diversos.

5 CONCLUSÃO

A partir das experiências vivenciadas na EJA, tentamos mostrar a face desse programa de educação. Que o ensino nessa modalidade é um trabalho que exige muito do profissional, que exige



muito esforço e dedicação por parte da equipe pedagógica do município, e também dos educandos que fazem o programa acontecer. E durante a trajetória do professor da EJA são encontradas maneiras de conceber o currículo e compreendê-lo como composto pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, perpassa as relações sociais, procurando articular vivência e saberes dos educandos por meio dos conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir suas identidades.

Com o convívio dentro dessa modalidade e a participação em formações para atuar na EJA, percebemos que a educação voltada para esse público deve ser pensada como um processo educacional específico, que não esteja apenas fundamentado na idade das pessoas participantes, mas sim por características socioculturais que apontam à necessidade de uma proposta político pedagógica diferenciada daquela que voltada para a criança do ensino fundamental regular.

Portanto, com a concretização desse trabalho, percebemos que a missão do educador é estar preparado teoricamente e ter uma prática pedagógica efetiva, para elaborar melhor às estratégias de intervenção junto às dificuldades apresentadas por seus alunos da EJA. Com esse diagnóstico, refletimos sobre sua responsabilidade em conceber uma prática individual, mas também coletiva, para assim buscar interferir e modificar a realidade desses sujeitos que passam a vida tentando se encaixar na sociedade.

Muito ainda se precisa fazer para que todos os educandos tenham acesso à educação e, dessa forma, entendemos que o professor de educação de Jovens e Adultos deve se utilizar de estratégias diversificadas para trabalhar diferentes atividades diariamente em sala de aula; a utilização de materiais e textos diversos que circulam na sociedade e que estão relacionados com a vivência e realidade destes; desenvolver projetos que estimulem a permanência na escola, e ainda, que os professores devem buscar formação específica continuada para o desenvolvimento e aprimoramento da sua leitura para assim estimular seus alunos.

Frente a essas considerações, compreendemos que a tendência pedagógica da problematização é fundamental para a transformação social no processo de trabalho com alunos da



EJA, uma vez que aprender é ousar em percorrer novos caminhos com a finalidade de promover a vida com dignidade, pois, ao escolher o caminho da escola, os jovens e adultos escolhem ter uma vida promissora para promover o seu desenvolvimento pessoal e melhorar sua autoestima, mesmo que seja dentro da vida cotidiana em meio a sua vivência social e familiar, como também profissional.

O professor como um dos principais incentivadores desses jovens e adultos precisa também assumir uma postura mais atualizada, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir das necessidades apresentadas pelos seus alunos.

REFERÊNCIAS

AOKI, Virgínia. **Educação de jovens e adultos: alfabetização**. São Paulo: Moderna, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bú**. São Paulo: Scipione, 1998.

ENS, R. T. **Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia**. 2006, 138f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

ESTRELA, M. T. (Org.) **Viver e Construir a profissão docente**. Lisboa: Porto, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. e SHOR, I. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

VÁSQUES. Adolfo Sanches. **Filosofia da Práxis**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista pedagógica Pátio. São: Artmed Editora, 20-02-2004.

ROGONI, Fátima Gusso. **Muda o mundo Brasil: alfabetização de jovens e adultos; ilustrações Franciele Gusso Rigoni**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

